

Relatório de Gestão – Jan/23

Rio Macro FIC de FIM

Macro				
FUNDO	% JAN/23	% ANO	% 12 MESES	% ACUMULADO
RIO MACRO FIC DE FIM	1,37	1,37	12,20	77,76
VS. CDI	121,73	121,73	95,44	97,05

ATRIBUIÇÃO DE PERFORMANCE	% JAN/23	% ANO	% 12 MESES	% ACUMULADO
Caixa	1,12	1,12	12,89	74,36
Juros	0,29	0,29	0,03	36,15
Moedas	0,18	0,18	1,15	1,68
Bolsa	0,00	0,00	0,13	4,09
Ativos externos	-0,15	-0,15	0,45	-4,31
Custos	-0,07	-0,07	-2,44	-34,21
Total	1,37	1,37	12,20	77,76

início: 31/08/2015

Em janeiro nós mantivemos as posições vendidas em dólar contra o real e em S&P futuro. Fizemos também algumas operações de curto prazo tomados em juros de 10 anos nos EUA e em inclinação na parte longa da curva de juros no Brasil.

No âmbito global, o mês de janeiro foi bem positivo para ativos de risco. As perspectivas de desaceleração do ritmo de alta dos juros e de proximidade do fim do ciclo nos EUA aliados a reabertura da China trouxe otimismo para o mercado.

Nos EUA a inflação segue desacelerando lentamente, com destaque para os preços dos bens, onde as cadeias produtivas vem gradativamente se normalizando. No setor de serviços esse processo ainda não foi iniciado, em função principalmente da demanda reprimida ao longo da pandemia e do mercado de trabalho ainda muito apertado. Como esperado, o FED subiu os juros em 25 p.p. para 4,50% - 4,75% a.a. e sinalizou mais uma ou duas altas da mesma magnitude dependendo dos dados econômicos a serem divulgados. As surpresas positivas do *payroll* de janeiro reduziram a probabilidade de quedas de juros no final deste ano, mas reforçaram as apostas no mercado em uma convergência da inflação para a meta com o mínimo de custo em termos de produto.

Na Europa o BCE subiu os juros em 50 p.p. para 3% a.a. e sinalizou o mesmo passo na próxima reunião. O velho continente vem se beneficiando da reabertura da China e da queda dos preços do gás, afastando assim os cenários mais pessimistas.

A China, por sua vez, ao reabrir a sua economia deve vivenciar o mesmo boom de consumo de serviços experimentado pelas economias ocidentais no pós-pandemia. No que concerne as cadeias de produção de manufaturados, não acreditamos que haja

grande impacto, uma vez que elas já vinham operando com poucas restrições. Os incentivos do governo no mercado imobiliário devem ajudar a estabilizá-lo no curto prazo.

Em suma, os principais bancos centrais continuam apertando as suas políticas monetárias que devem desacelerar a atividade econômica global e reduzir a inflação - o principal objetivo da maioria dos países nesse momento. A resiliência do mercado de trabalho – principalmente nos EUA – é o principal desafio para o sucesso da empreitada, e paradoxalmente, traz a esperança de que a convergência da inflação para as respectivas metas mundo afora possa se dar sem “quebrar” nada.

O Brasil poderia estar aproveitando muito mais o apetite global por países emergentes, mas até aqui o governo preferiu revisitar temas que já deveriam estar consolidados. Após a PEC da transição generosa no que diz respeito a gastos e o descarte do Teto de gastos como âncora fiscal, a bola da vez é a independência do Banco Central e as metas de inflação. Os ruídos gerados pelos ataques à autoridade monetária e uma eventual elevação das metas têm aumentado os prêmios de risco dos ativos locais e, caso não cessem, cobrarão o seu preço com menos crescimento e mais inflação. Não custa lembrar que essa discussão se dá sem termos ainda um novo arcabouço fiscal que sinalize a sustentabilidade da dívida pública.

Atenciosamente,

Equipe Rio Gestão de Recursos.